



# COLLOQUIUM

## REVISTA MULTIDISCIPLINAR DE TEOLOGIA

VOLUME 9, NÚMERO 1, CRATO – CE, SETEMBRO DE 2024 - ISSN 2448 2722

SUBMETIDO EM: 19/03/2024 ACEITO EM: 27/08/2024 - SEÇÃO 1: ARTIGOS

### O DISCIPULADO DA MENTE: A CONTRIBUIÇÃO DA OBRA CRISTIANISMO PURO E SIMPLES PARA A COSMOVISÃO CRISTÃ

**Discipleship of the mind: the contribution of the  
work Mere Christianity to the Christian worldview.**

Onésimo Alves de Mesquita<sup>1</sup>

doi DOI: <https://doi.org/10.58882/cllq.v9i1.168>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7106723144245633>

**RESUMO:** No presente artigo faremos uma apresentação da obra *Cristianismo Puro e Simples*, expondo o contexto em que foi escrita e fazendo uma exposição do conteúdo e relevância para a cosmovisão cristã. A obra *Cristianismo Puro e simples* é um dos livros mais conhecidos de C.S. Lewis, obra que expõe uma fé comum e que pode servir de norteammento discipulador para muitos iniciados na fé que desejam uma maior coerência e fundamentação para uma posterior reflexão cristã.

**Palavras-chave:** cosmovisão; cristianismo; discipulado; mente.

**ABSTRACT:** In this article we will present the work *Christianism Puro e simples*, exposing the context in which it was written and explaining its content and relevance to the Christian worldview. The work *Pure and Simple Christianity* is one of the best-known books by C.S. Lewis, a work that exposes a common faith and that can serve as discipleship guidance for many beginners in the faith who desire greater coherence and foundation for subsequent Christian reflection.

**Keywords:** worldview; christianity; discipleship; mind.

---

<sup>1</sup> Possui graduação em Teologia pela Faculdade Maciço de Baturité (FMB) Licenciatura em Filosofia pela Faculdade Única de Ipatinga, FUNIP. É mestrando em Filosofia na linha de Ética Política pela Universidade Estadual do Ceará.

## INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o Brasil tem visto um engajamento político por parte de evangélicos, muitos dos quais não tendo conhecimento dos referencias bíblicos e teológicos de sua fé, tornam-se presos a narrativas culturais contrarias ao cristianismo e não veem problema algum com suas ações. Na falta de uma cosmovisão bíblicamente coerente que desafia o relativismo e o pluralismo de ideias anticristãs, pois não se vê no cenário atual uma teologia pública que possa servir de norteamento para uma ação evangélica mais eficaz em nosso contexto. Será que temos preocupado tanto com a conversão da alma e perdido a conversão de mente? Seja possível um discipulado da mente em que nossas ações reflitam nosso credo? Qual fonte pode ser usada para nossa reflexão?

Em virtude desses problemas, nos propomos a pesquisar a contribuição de C. S. Lewis para a cosmovisão cristã, visando o discipulado da mente através da assimilação do conteúdo das crenças cristãs como exposta em seus escritos. Clive Staples Lewis, comumente referido como C. S. Lewis, professor universitário, escritor, romancista, poeta, crítico literário, ensaísta e apologista cristão irlandês, fazendo-se referência especial ao seu livro mais famoso Cristianismo Puro e Simples, onde o autor expõe as crenças cristãs centrais que nortearão o comportamento evangélico a partir do compromisso e absorção dessas doutrinas e princípios.

A obra Cristianismo Puro e simples é um dos livros mais conhecidos de C.S. Lewis, obra que expõe uma fé simples sem ser simplória. Neste artigo faremos uma apresentação da obra expondo o contexto em que foi escrita e fazendo uma exposição do conteúdo e relevância para a cosmovisão cristã.



## 1 - O CONCEITO DE COSMOVISÃO CRISTÃ

Em confronto total com materialismo e relativismo atuais, a cosmovisão cristã apresenta-se no mundo das ideias, fortemente enraizada na história da tradição ocidental como uma estrutura de plausibilidade<sup>2</sup> que confere sentido e ação para muitos cristãos. Uma das mais claras e coerentes definições de cosmovisão vem de Ronald H. Nash,<sup>3</sup> quando ele diz que "cosmovisão é um conjunto de crenças sobre as questões mais importantes na vida". Conceituando mais um pouco temos "Cosmovisão, portanto, é um esquema conceitual pelo qual, consciente ou inconscientemente, aplicamos ou adequamos todas as coisas em que cremos, e interpretamos e julgamos a realidade" (2012, p. 25).

Segundo John Stott,<sup>4</sup> o esquema conceitual fundante para a cosmovisão cristã, são os quatro temas da história bíblica, *Criação, Queda, Redenção e Consumação*. Por *Criação*, Stott entende, que é pela ação criadora de Deus que tudo vem a existência do *nada*. E que, ao fim de sua atividade criadora, Deus criou o homem a sua imagem e semelhança, sendo por isso, seres racionais, morais e livres. Podendo agir com responsabilidade e dignidade. *Queda*, os seres humanos responsáveis por seus atos, não deram ouvidos a verdade de Deus e levaram toda a raça humana a alienação de Deus, colocando ao fim o relacionamento com Deus.<sup>5</sup> *Redenção*. Ao invés de destruir o homem por sua rebeldia, Deus decide redimir toda a raça humana, enviando seu filho para pagar o preço de redenção na cruz.<sup>6</sup> E por último, *Consumação*, quando as boas novas do reino

<sup>2</sup> Estrutura de Plausibilidade é um termo cunhado por Peter Ludwig Berger (1929-2017) foi um sociólogo e teólogo luterano austro-americano.

<sup>3</sup> Ronald H. Nash (1936-2006) foi professor de filosofia no Seminário Teológico Reformado. Nash atuou como professor por mais de 40 anos, ensinando e escrevendo nas áreas de cosmovisão, apologetica, ética, teologia e história.

<sup>4</sup> John Robert Walmsley Stott, (1921-2011) foi um pastor e teólogo anglicano britânico, conhecido como um dos grandes nomes evangélicos mundiais.

<sup>5</sup> "O mal passou a ser uma realidade arraigada e difundida. Embora a nossa semelhança com Deus não tenha sido destruída, mesmo assim somos hostis a ele, ficando, pois, sujeitos à sua justa condenação." (STOTT, 1997, p. 57)

<sup>6</sup> "E ainda hoje, através da morte e ressurreição e o dom do Espírito de Jesus, Deus está cumprindo sua promessa de redenção e refazendo a humanidade degenerada, não apenas individualmente, mais também incorporando os homens a uma comunidade nova e reconciliada." Id., 1997 p. 58.



forem pregadas ao mundo inteiro, o Rei Jesus virá com grande glória e poder, trazendo justiça e restaurando todas as coisas. Para John Stott, estes eventos da narrativa bíblica apresentam o quadro referencial necessário para interpretarmos a realidade,

Eis aqui, portanto, quatro eventos que correspondem a quatro realidades: primeiro, a *Criação* ("o bem"); segundo a *Queda* ("o mal"); terceiro, a *Redenção* ("o novo"); e quarto, a *Consumação* ("o perfeito") Esta quádrupla realidade bíblica capacita os cristãos a terem um panorama da paisagem histórica dentro dos horizontes apropriados. Ela provê a verdadeira perspectiva desde a qual devemos enxergar o processo que se desenvolve entre duas eternidades, a visão de Deus realizando seu propósito. Ela nos dá o arcabouço em que se encaixam todas as coisas, uma forma de integrar à nossa compreensão a possibilidade de pensarmos com clareza até mesmo as questões mais complexas (1997, p. 59).

Partindo das percepções bíblicas, James Sire,<sup>7</sup> estudioso da cosmovisão cristã, conceitua cosmovisão levando o termo para uma análise mais existencial,

Cosmovisão é o compromisso, a orientação fundamental do coração, que pode ser expresso em uma história ou um conjunto de pressupostos (suposições que podem ser verdadeiras, verdadeiras em parte ou de todo falsas) que mantemos (de forma consciente ou subconsciente, consistente ou inconsistente) sobre a constituição básica da realidade e que fornece o fundamento sobre o qual vivemos, nos movemos e existimos (2018, p. 26).

Junto a essa definição de cosmovisão, Sire lista uma série de perguntas existenciais que servirão de análise dos pressupostos ou compromissos fundamentais:

O que é a realidade primordial? [...] Qual é a natureza da realidade externa, isto é, do mundo à nossa volta? [...] O que é o ser humano? [...] O que acontece com quem morre? [...] Por que é possível saber alguma coisa? [...] Como sabemos o que é certo ou errado? [...] Qual é o significado da história humana? [...] Que compromissos centrais, pessoais e que guiam a vida são consistentes com essa cosmovisão? (2018, p. 28, 29).

<sup>7</sup> James W. Sire (1933-2018) foi um autor cristão americano, palestrante e editor da InterVarsity Press.



Percebe-se, a partir dessa análise que a cosmovisão cristã, longe de ser meramente acadêmica, ela perfaz todos os aspectos da vida humana. Permitido que o cristão em qualquer espaço ou ação, possa agir em conformidade com os compromissos mais caros ao cristianismo. Nesse sentido Nancy Pearcey diz:

Afirmar que o cristianismo é a verdade sobre a realidade total significa dizer que é uma cosmovisão que envolve tudo. O termo significa, em seu sentido literal, *visão do mundo*, uma perspectiva bíblicamente instruída sobre a totalidade da realidade. A cosmovisão é como um mapa mental que nos diz como navegar de modo eficaz no mundo. É a impressão da verdade objetiva de Deus em nossa vida interior (2006, p. 25).

O Cristianismo afirma ser a verdade sobre todas as coisas, uma cosmovisão abrangente para todas as esferas da vida, não permitindo que a vida seja dicotomizada em esfera particular e esfera pública. Com essa integralidade em mente, muitas das más ações do comportamento evangélico podem ser corrigidas, e poderão ser de grande benefício público, e não somente para a igreja.

## 2 - CRISTIANISMO PURO E SIMPLES: O CONTEXTO DO LIVRO

A Segunda Guerra Mundial provocou muitas mudanças nas instituições e vida dos ingleses, permitindo que o protagonismo da *British Broadcasting Corporation*<sup>8</sup> (BBC) torna-se inevitável. Na medida que a programação da BCC crescia e seus programas radiofônicos eram amplamente ouvidos por quase toda a população, muitas "vozes" se tornaram altamente aceitas por todos, havia a "voz da medicina" a "voz da política" e tornou-se necessário a voz da fé, alguém que inspirasse confiança para os tempos sombrios;<sup>9</sup> a voz de Lewis.

<sup>8</sup> A British Broadcasting Corporation é uma corporação pública de rádio e televisão do Reino Unido fundada em 1922. Possui uma boa reputação nacional e internacional.

<sup>9</sup> "E uma voz assim era extremamente indispensável. Em parte, para resolver um problema de programação, o Departamento de Programas Religiosos da BBC estava lançando uma nova série de "palestras radiofônicas" sobre temas religiosos. Mas quem poderia proferi-las? No início de 1941, o dr. James Welch, o editor-chefe da BBC, começou a procurar uma voz que pudesse falar das ansiedades e preocupações espirituais dos britânicos durante a guerra. A tarefa mostrou-se difícil." (Mcgrath 2013, p. 223.)



Durante a procura de uma voz religiosa para assumir esse espaço aberto pela BBC, houve a preocupação de que não fosse alguém com uma linguagem denominacional, mas que fizesse uma exposição geral da fé cristã de modo que alcançasse a nação em geral, porém onde encontrar esse tipo de preletor, foi a dificuldade encontrada.

Então Welch descobriu por acaso um livro escrito por um professor de Oxford — e o tranquilizou saber que se tratava de um leigo. Ele gostou do que leu. O livro era *O problema do sofrimento*. Lewis não poderia fazer ideia disso, mas o “cristianismo puro e simples” que ele defendia cada vez mais — embora naquela época não nesses termos — era precisamente o que a BBC procurava (Mcgrath, 2013, p. 223).

Welch conhecia a escrita de Lewis, mas não sabia como ele se sairia falando no rádio, pois temia que sua voz soasse muito acadêmica. Então lhe escreveu uma carta parabenizando pelo livro *O problema do Sofrimento* e lhe fez o convite para falar na BBC (Mcgrath, 2013, p. 224). Lewis respondeu positivamente pois tinha desejo de fazer esse tipo de palestra.<sup>10</sup>

Durante a espera para sua estreia na BBC, Lewis foi procurado para trazer uma serie de mensagens para RAF<sup>11</sup> (Força Aérea Real):

Maurice Edwards, capelão-chefe da RAF, concordou em apresentar a Lewis essa proposta, e viajou para Oxford a fim de discutir o caso com ele. Edwards não tinha convicção absoluta de que Lewis era a pessoa certa para esse trabalho. Lewis estava habituado a ensinar aos melhores alunos universitários da Inglaterra. Como ele lidaria com os “atrasados” — jovens que haviam deixado a escola aos 16 anos, e que não tinham nenhuma intenção de participar de algo que fosse remotamente acadêmico? Lewis provavelmente tinha apreensões semelhantes. Apesar disso, ele aceitou a oferta. Acreditava que seria bom para ele, forçando-o a traduzir suas ideias numa “linguagem não acadêmica” (Mcgrath, 2013, p. 224).

<sup>10</sup> "Welch pôs Lewis em contato com seu colega Eric Fenn (1899-1995), que cuidaria dos arranjos daquele ponto em diante" (MCGRATH, 2013, p. 224)

<sup>11</sup> A Força Aérea Real é a força aérea independente mais antiga do mundo. Foi criada em 1 de abril de 1918, durante a Primeira Guerra Mundial, pela mescla do Corpo Real de Voo e do Serviço Aeronaval Real.



As palestras foram uma ótima oportunidade para que Lewis adaptasse seu estilo acadêmico para que fosse plenamente compreendido quando começasse suas palestras<sup>12</sup> radiofônicas. Perto de sua estreia na BBC, Lewis tinha toda a sua abordagem definida que seria apologética, e não em tom evangelístico, visando à preparação do terreno para uma apresentação do evangelho mais explícita. Uma vez marcado o "teste de voz" Lewis pôde se ouvir e ver como se sairia no ar, assim ele estava preparado para a estreia, vejamos:

A primeira palestra foi transmitida ao vivo da estação de radiodifusão em Londres, às 19h45 da quarta-feira do dia 6 de agosto de 1941, imediatamente após um noticiário de quinze minutos transmitido às 19h30. Todos os locutores radiofônicos sabem que as "janelas" que têm probabilidade de atrair grandes plateias são as que vêm logo após a apresentação de temas populares — e, em tempos de guerra, os noticiários atraíam um considerável número de ouvintes. Se Lewis alimentasse qualquer esperança de que seu programa poderia beneficiar-se das grandes plateias que os noticiários tradicionalmente atraíam, ele teria tido uma decepção. Esse noticiário em especial se destinava a ouvintes da Noruega ocupada pelos nazistas, que podiam sintonizar a BBC em ondas longas de 200 kHz. Ele foi feito em norueguês. No entanto, apesar desse início muito distante do ideal, Lewis conquistou e manteve uma grande plateia. O resto, como se diz, é história. Lewis se tornou para a nação a "voz da fé", e seus programas radiofônicos assumiram o status de clássicos (Mcgrath, 2013, p. 227,228).

As palestras foram um sucesso completo, a clareza e razoabilidade dos argumentos de Lewis deixaram os ingleses interessados<sup>13</sup> nos assuntos pertinentes a fé cristã. Lewis fez uma apresentação de um cristianismo comum a todos<sup>14</sup>. Depois dessas palestras ele recebe o convite para continuar a fazer mais palestras,

<sup>12</sup> "Nesse meio tempo, os arranjos para as palestras radiofônicas iam evoluindo suavemente. Como Lewis havia pedido, elas aconteceriam em agosto de 1941, no meio do recesso acadêmico, quando ele poderia dedicar a elas seu tempo e pensamento"(Mcgrath, 2013, p. 225)

<sup>13</sup> "Nessas palestras, Lewis passou de uma exploração experimental da razoabilidade da fé para uma afirmação mais comprometida de "Em que os cristãos creem". Isso gerou uma quantidade expressiva de correspondência da parte dos ouvintes, a qual Lewis achou difícil de administrar, acima de tudo porque muitos de seus efusivos admiradores, bem como de seus críticos mordazes, pareciam esperar que suas cartas tivessem resposta imediata e minuciosamente detalhada." (Mcgrath, 2013, p. 229)

<sup>14</sup> "Lewis apresentou essas palestras na forma de diálogos com quatro colegas clérigos, no intuito de mostrar que falava do cristianismo como um todo, e não simplesmente de sua perspectiva pessoal. Os membros do clero eram Eric Fenn (presbiteriano), Dom Bede Griffiths (católico romano), Joseph Dowell (metodista) e alguém não identificado da Igreja Anglicana, que talvez tenha sido Austin Farrer, então colega de Lewis em Oxford." (Mcgrath, 2013, p. 228)



trazendo-lhe o *status* de celebridade nacional. As quatro palestras mais tarde se tornariam o clássico *Cristianismo puro e simples*.

### 3 - O CONTEÚDO DA OBRA

As palestras de Lewis foram publicadas separadamente durante a guerra, *The Case for Christianity* [Provas a favor do cristianismo] (1942), *Christian Behaviour* [Comportamento cristão] (1943), *Beyond Personality* [Além da personalidade] (1944). As publicações não deixaram Lewis satisfeito quanto ao formato final da argumentação. Ao seu ver, elas careciam de mais clareza no enfoque, como foi dito:

Os panfletos eram vistos pelos leitores como obras independentes, e não como estágios de uma argumentação entrelaçada. Além disso, o texto de toda uma série de palestras foi simplesmente omitido. Lewis passou aos poucos a pensar em como poderia criar um único livro que desenvolvesse uma defesa coerente do cristianismo, ligando o material que tinha desenvolvido para suas quatro séries de palestras radiofônicas. *Cristianismo puro e simples* — a versão final — é agora considerado um dos mais significativos escritos cristãos de Lewis (Mcgrath, 2013, p. 235).

C.S Lewis ao longo do preparo da obra escolheu um tema que sintetizasse as palestras de modo objetivo e claro o que ele haveria de dizer, o título foi *Cristianismo puro e simples*. Porém onde ele encontrou esse título? E o que ele queria dizer? A resposta revela muito do que Lewis pensava ser o Cristianismo, e como ele desejava ser entendido,

Lewis descobriu essa expressão nos escritos de Richard Baxter (1615-1691), um autor puritano que ele havia encontrado por acaso no vasto curso de suas leituras em literatura inglesa. Escrevendo em 1944, Lewis argumentava que o melhor remédio contra os erros teológicos detectados em livros publicados recentemente “é ter um padrão de cristianismo central e simples (‘cristianismo puro e simples’ como o chamou Baxter) que coloca as controvérsias do momento em sua devida perspectiva” (Mcgrath, 2013, p. 235).



A obra *Cristianismo puro e simples* está dividida em quatro livros, o primeiro livro, *O certo e o errado como chaves para compreensão do sentido do universo*; o segundo, *No que acreditam os cristãos*; o terceiro livro, *A conduta cristã*, e o quarto livro, *Além da personalidade ou os primeiros passos na doutrina da Trindade*. No prefácio Lewis deixa claro "leitor deve saber desde já que não oferecerei ajuda a ninguém que esteja hesitante entre duas denominações cristãs".<sup>15</sup> O objetivo de Lewis é expor a visão de uma ortodoxia cristã básica que sirva de modelo para que a imaginação moral e doutrinária de muitos possam se abrir para a realidade da vida cristã.

Na primeira parte do livro, *O certo e o errado como chaves para compreensão do sentido do universo*, Lewis começa a expor a natureza da Lei moral que aponta diretamente para um criador transcendente,<sup>16</sup> ele faz isso mostrando a distinção entre instintos naturais humanos e a lei que deve ser obedecida por todos como obrigação moral. A lei moral em sua natureza é distinta de outras leis pelo fato de ser obedecida ou desobedecida<sup>17</sup> pelos seres humanos.

A lei natural aponta para o Legislador e Criador, dessa forma temos um conhecimento mais seguro do que a ciência empírica, uma vez que ela não consegue discernir e responder: *por que existe vida? Qual o significado da Vida?* A lei moral aponta para este significado e responde com a certeza que somos seres humanos sujeitos a essa lei transcendente, Lewis diz:

<sup>15</sup> LEWIS, C.S.. *Cristianismo puro e simples*. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014. p.2.

<sup>16</sup> "As chamadas "leis" talvez não tenham realidade própria, talvez não estejam além e acima dos fatos que podemos observar. No caso do homem, porém, percebemos que as coisas não são bem assim. A Lei da Natureza Humana, ou Lei do Certo e do Errado, é algo que transcende os fatos do comportamento humano." (Lewis, 2014. p.29)

<sup>17</sup> "Todo homem está continuamente sujeito a diversos conjuntos de leis, mas a apenas um ele é livre para desobedecer. Enquanto corpo, ele é regido pela gravitação e não pode desobedecê-la; se ficar suspenso no ar, sem apoio, fatalmente cairá como cairia uma pedra. Enquanto organismo, está sujeito a diversas leis biológicas, às quais, como os animais, não pode desobedecer. Em outras palavras, o homem não pode desobedecer às leis que tem em comum com os outros seres; mas a lei própria da natureza humana, a lei que não é compartilhada nem pelos animais, nem pelos vegetais, nem pelos seres inorgânicos, a esta lei o ser humano pode desobedecer, se assim quiser" (Lewis, 2014. p.7)



No universo inteiro, existe uma coisa, e somente uma, que nós conhecemos melhor do que conheceríamos se contássemos somente com a observação externa. Essa coisa é o Ser Humano. Nós não nos limitamos a observar o ser humano, nós somos seres humanos. Nesse caso, podemos dizer que as informações que possuímos vêm "de dentro". Estamos a par do assunto. Por causa disto, sabemos que os seres humanos estão sujeitos a uma lei moral que não foi criada por eles, que não conseguem tirar do seu horizonte mesmo quando tentam e à qual sabem que devem obedecer (2014, p. 32).

e logo mais adiante,

Descobrimos mais coisas a respeito de Deus a partir da Lei Moral do que a partir do universo em geral, da mesma forma que sabemos mais a respeito de um homem quando conversamos com ele do que quando examinamos a casa que ele construiu (2014, p. 40).

Nessa parte do livro C.S Lewis mostra como a lei moral é uma revelação inescapável da existência de Deus que deseja conduzir a humanidade a uma vida mais humana e correta.

Na segunda parte do livro, *No que acreditam os cristãos*, Lewis aborda os pontos centrais que diferenciam o cristianismo do panteísmo e das opções concorrentes acerca de Deus fazendo uma abordagem cristocêntrica. O cristianismo interpreta o mundo como um território ocupado pelo inimigo, assim é este mundo. O cristianismo é a história de como o rei por direito desembarcou disfarçado em sua terra e nos chama a tomar parte numa grande campanha de sabotagem (Lewis, 2014).

Para demonstrar a singularidade da crença cristã diante das muitas manifestações religiosas ao redor no mundo, Lewis nos brinda com um dos argumentos mais perspicazes acerca de Cristo, vejamos:

Estou tentando impedir que alguém repita a rematada tolice dita por muitos a seu respeito: "Estou disposto a aceitar Jesus como um grande mestre da moral, mas não aceito a sua afirmação de ser Deus." Essa é a única coisa que não devemos dizer. Um homem que fosse somente um homem e dissesse as coisas que Jesus disse não seria um grande mestre da moral. Seria um lunático - no mesmo grau de alguém que



pretendesse ser um ovo cozido — ou então o diabo em pessoa. Faça a sua escolha. Ou esse homem era, e é, o Filho de Deus, ou não passa de um louco ou coisa pior. Você pode querer calá-lo por ser um louco, pode cuspir nele e matá-lo como a um demônio; ou pode prosternar-se a seus pés e chamá-lo de Senhor e Deus. Mas que ninguém venha, com paternal condescendência, dizer que ele não passava de um grande mestre humano. Ele não nos deixou essa opção, e não quis deixá-la (2014, p. 69,70).

A moral é um modo de se conduzir, ou seja, um modo de caminhar numa jornada para que seja possível chegar até seu destino. Esse é o assunto da terceira parte do livro, que se chama, *Conduta Cristã*, onde Lewis enfatiza a moral de modo ainda mais esclarecedor para seus leitores, ele define:

A moral, então, parece englobar três fatores. O primeiro é a conduta leal e a harmonia entre os indivíduos. O segundo pode ser chamado de organização ou harmonização das coisas dentro de cada indivíduo. O terceiro é o objetivo geral da vida humana como um todo: qual a razão de ser do homem, qual o destino da frota de navios, qual música o maestro quer que a banda toque (2014, p. 95).

Mais adiante afirma o valor dessa moralidade em termos de "*Virtudes Cardeais*"<sup>18</sup> dizendo:

Podemos pensar que as "virtudes" são necessárias apenas para a nossa vida presente — e que no outro mundo podemos parar de ser justos pois não há nada sobre o que brigar, ou parar de ser corajosos porque não existe mais o perigo. E verdade que provavelmente não haverá ocasião para praticar a justiça ou a coragem na outra vida, mas haverá uma abundância de ocasiões para sermos o tipo de pessoa que nos tornamos ao praticar esses atos aqui. A questão não é que Deus vá negar nossa entrada na vida eterna se não tivermos certas qualidades de caráter, mas que, se as pessoas não tiverem pelo menos os rudimentos dessas qualidades dentro de si, nenhuma condição exterior poderá ser um "Paraíso" para elas - em outras palavras, nenhuma condição exterior poderá dar-lhes a forte, profunda e inabalável alegria que Deus tencionou para nós (Lewis, 2014, p. 106).

<sup>18</sup> "Por enquanto, ocupar-me-ei das quatro virtudes cardeais. (A palavra "cardeal" não tem nenhuma relação com os "cardeais" da Igreja Católica. É derivada da palavra latina que significa "gonzo da porta". São chamadas virtudes "cardeais" porque são, poderíamos dizer, virtudes "fundamentais".) São elas: a prudência, a temperança, a justiça e a fortaleza." (Lewis, 2014. p.101)



Acerca das "*Virtudes Teológicas*" Lewis diz que "são a fé, a esperança e a caridade"<sup>19</sup> e que devemos seguir essas virtudes na espera de uma vida com mais significado. Explicando o significado da palavra caridade<sup>20</sup> ele retoma o verdadeiro sentido dessa palavra<sup>21</sup> e afirma o que ela quer dizer, redefinindo-a teologicamente:

No geral, o amor de Deus por nós é um tema muito mais seguro que o nosso amor por ele. Ninguém consegue ter sempre o sentimento de devoção: e, mesmo que conseguisse, não são os sentimentos que mais importam a Deus. O amor cristão, seja para com Deus, seja para com os homens, é um assunto da vontade. Se nos esforçamos para obedecer à sua vontade, estamos cumprindo o mandamento "Amarás o Senhor teu Deus". Ele nos dará o sentimento do amor se assim desejar. Não podemos criá-lo por nós mesmos nem podemos exigí-lo como se fosse um direito nosso. Porém, a grande coisa a se lembrar é que, apesar de nossos sentimentos irem e virem, o amor dele por nós não se altera. Não se desgasta por causa dos nossos pecados nem por nossa indiferença. Logo, é inflexível em sua determinação de que seremos curados desses pecados custe o que custar, seja para nós, seja para ele (2014, p. 177).

Sobre a esperança, diz:

A esperança é uma das virtudes teológicas. Isso quer dizer que (ao contrário do que o homem moderno pensa) o anseio contínuo pelo mundo eterno não é uma forma de escapismo ou de auto-ilusão, mas uma das coisas que se espera do cristão. Não significa que se deve deixar o mundo presente tal como está. Se você estudar a história, verá que os cristãos que mais trabalharam por este mundo eram exatamente os que mais pensavam no outro mundo (2014, p. 178).

A esperança cristã apresentada por Lewis não funciona como escapismo, mais sim como força motriz para um engajamento em todas as áreas da vida. Por isso, a fé como virtude é mais que sensação e gosto pessoal, fé é manter-se

<sup>19</sup> "Eu disse num capítulo anterior que existem quatro virtudes "cardeais" e três "teológicas". As virtudes teológicas são a fé, a esperança e a caridade. Trataremos da fé nos últimos dois capítulos. A caridade foi exposta parcialmente no Capítulo 7, em que tratei sobretudo daquela parte dela que se chama perdão. Quero acrescentar agora mais algumas palavras" (Lewis, 2014. p.172)

<sup>20</sup> "Em primeiro lugar, quanto ao significado da palavra. "Caridade" hoje significa simplesmente o que antes se chamava "esmola" — ou seja, o que damos para os pobres. Originalmente, seu significado era muito mais amplo." (Lewis, 2014. p.173)

<sup>21</sup> "A caridade significa "amor no sentido cristão". Mas o amor no sentido cristão não é uma emoção. Não é um estado do sentimento, mas da vontade: aquele estado da vontade que temos naturalmente com a nossa pessoa, mas devemos aprender a ter com as outras pessoas."(Lewis, 2014. p.173)



firme naquilo que a razão já aceitou como necessidade, mas as contingências querem nos fazer duvidar. De modo analítico e pessoal Lewis diz:

A fé, no sentido em que estou usando a palavra, é a arte de se aferrar, apesar das mudanças de humor, àquilo que a razão já aceitou. Pois o humor sempre há de mudar, qualquer que seja o ponto de vista da razão. Agora que sou cristão, há dias em que tudo na religião parece muito improvável. Quando eu era ateu, porém, passava por fases em que o cristianismo parecia probabilíssimo. A rebelião dos humores contra o nosso eu verdadeiro virá de um jeito ou de outro. E por isso que a fé é uma virtude tão necessária: se não colocar os humores em seu devido lugar, você não poderá jamais ser um cristão firme ou mesmo um ateu firme; será apenas uma criatura hesitante, cujas crenças dependem, na verdade, da qualidade do clima ou da sua digestão naquele dia (2014, p. 187, 188).

A fé não exclui a presença da dúvida nem do questionamento acerca da verdade das afirmações e da realidade das coisas. Ela se agarra na relação estabelecida com Deus que é pessoal e verdadeira.

Na quarta parte do livro, *Além da personalidade*, Lewis nos apresenta o conceito de Trindade e finaliza convidando a todos a avaliarem o custo de seguir a Cristo. Para entrar no assunto ele nos faz um alerta:

Quando se trata do conhecimento de Deus, a iniciativa cabe inteiramente a ele. Se ele não se revelar, nada que você fizer o capacitará a encontrá-lo. E, na verdade, ele se dá a conhecer muito mais a certas pessoas que a outras — não porque tenha predileções, mas porque é impossível que ele se revele ao homem cuja mente e cujo caráter estejam em más condições. Da mesma forma, os raios do sol, apesar de também não terem predileções, não se refletem tão bem num espelho empoeirado quanto num espelho polido (2014, p. 219).

Após essa afirmação, Lewis argumenta sobre os níveis da realidade, preparando para sua explanação da doutrina da Trindade, e somos levados a um argumento engenhoso e coerente com o objetivo que vem a seguir,

Na dimensão de Deus, por assim dizer, encontramos um Ser que são três pessoas sem deixar de ser um único Ser, da mesma forma que um cubo são seis quadrados sem deixar de ser um único cubo. E claro que não conseguimos conceber plenamente um Ser como esse. Do mesmo modo, se percebêssemos apenas duas dimensões do espaço, não



poderíamos jamais imaginar um cubo. Mesmo assim podemos ter dele uma noção vaga. Quando isso acontece, nós conseguimos ter, pela primeira vez na vida, uma idéia positiva, mesmo que tênue, de algo suprapessoal — algo maior que uma pessoa (2014, p. 216).

De uma afirmação profundamente teórica e rica de abstração, Lewis conduz seus leitores<sup>22</sup> ao objetivo que ele deseja, que é extremamente relacional:

O que quero dizer é o seguinte: o simples cristão ajoelha-se e faz suas orações, tentando entrar em contato com Deus. Porém, se ele é cristão, sabe que o que o induz a orar é também Deus: Deus, por assim dizer, dentro dele. E sabe também que todo o conhecimento real que possui de Deus veio por meio de Cristo, o Homem que foi Deus. Sabe que Cristo está de pé a seu lado, ajudando-o a orar, orando por ele. Você vê o que está acontecendo? Deus é aquilo para o qual ele ora — o objetivo que tenta alcançar. Deus é também aquilo, dentro dele, que o impele — a força motriz. Deus, por fim, é a estrada ou a ponte que ele percorre para chegar a seu objetivo. Assim, toda a vida tríplice do Ser tri-pessoal entra em ação nesse quarto humilde onde um homem comum faz suas orações. O homem está sendo capturado por um tipo superior de vida — o que chamei de *zoé* ou vida espiritual: está sendo atraído para dentro de Deus pelo próprio Deus, sem deixar de ser ele mesmo (2014, p. 217).

Com essa declaração, a compreensão da doutrina ganha um novo impulso e valor para os leitores de Lewis, que são obrigados a se posicionarem frente a essa afirmação trinitária, que carrega em si o potencial para humanizar o homem alienado de Deus. Lewis deseja que a compreensão e assimilação da doutrina da trindade seja cristocêntrica, sendo assim, ele diz:

Mas você não deve imaginar que as novas criaturas são todas "iguais" no sentido comum da palavra. Muitas coisas que eu disse neste último livro podem levá-lo a supor que assim seja. Para nos tornarmos novas criaturas, temos de perder o que agora chamamos de "nós mesmos". Temos de sair de nós mesmos e entrar em Cristo. A vontade dele tem de ser a nossa e temos de pensar seus pensamentos; temos de "ter a mente de Cristo", como diz a Bíblia (2014, p. 296).

Ele encerra o livro, convidando para que seus leitores façam a escolha certa:

<sup>22</sup> "Você pode perguntar: "Se não conseguimos imaginar esse Ser tri-pessoal, de que adianta falar sobre ele?" Bem, de nada adianta falar sobre ele. O que interessa é sermos atraídos e conduzidos de fato para dentro dessa vida tri-pessoal. Esse processo pode começar, aliás, a qualquer momento — hoje à noite, se você quiser." (Lewis, 2014. p.217)



Entregue-se, pois assim você encontrará a si mesmo. Perca a sua vida para salvá-la. Submeta-se à morte, à morte cotidiana de suas ambições e dos seus maiores desejos e, no fim, à morte do seu corpo inteiro: submeta-se a ela com todas as fibras do seu ser, e você encontrará a vida eterna. Não guarde nada para si. Nada que você não deu chegará a ser verdadeiramente seu. Nada que não tiver morrido chegará a ser ressuscitado dos mortos. Se você buscar a si mesmo, no fim só encontrará o ódio, a solidão, o desespero, a fúria, a ruína e a podridão. Se buscar a Cristo, o encontrará; e, junto com ele, encontrará todas as coisas (2014, p. 300).

Com a exposição de crenças fundamentais do cristianismo, Lewis possibilita a assimilação de uma cosmovisão cristã que ajudará a muitos leitores de sua imensa audiência internacional.

#### 4 - AS CONTRIBUIÇÕES PERMANENTES

A obra *Cristianismo puro e simples*, tornou-se um *best-seller* internacional, levando C.S. Lewis a fama tanto na Inglaterra quanto logo a seguir Estados Unidos, e por todo o mundo. As contribuições dessa obra para o pensamento cristão e reflexão teológica são inúmeras, listaremos apenas três delas. Sendo a primeira contribuição, seu *anti-denominacionalismo*. Lewis conhecia bem o separatismo denominacional entre protestantes e católicos na Irlanda, por isso, toda a sua obra tenta ser um denominador comum, evitando as brigas<sup>23</sup> denominacionais:

Lewis se apresenta a seus leitores como um “cristão puro e simples”, que eles podem adaptar a suas próprias agendas e interesses denominacionais, ou podem defender e proclamar como a porta que lhes dá acesso a sua “sala” específica, onde há “lareiras, cadeiras e refeições.” Lewis faz a apologia do cristianismo. Ele ficaria estarecido se fosse citado como um apologista do “anglicanismo” — particularmente porque detestava brigas denominacionais, mas sobretudo porque não acreditava na extensão conceitual de “Igreja da Inglaterra” a uma noção global de “anglicanismo” (Mcgrath, 2013, p. 237).

<sup>23</sup> "As obras de Lewis — especialmente *Cristianismo puro e simples* — geralmente mostram pouca inclinação de sua parte de envolver-se em brigas denominacionais acerca de batismo, bispos ou a Bíblia. Para Lewis, nunca se deve permitir que esses debates ultrapassem ou obscureçam o grande quadro — a majestosa visão cristã da realidade, que transcende diferenças denominacionais. Foi a amplitude e profundidade dessa visão do cristianismo que conquistou, nos Estados Unidos, grande aceitação tanto entre católicos como entre protestantes." (Mcgrath, 2013, p. 237)



O objetivo de Lewis era que sua obra contribuísse, assim como os andaimes de um edifício<sup>24</sup> contribuem para a construção de uma obra. Evitando crenças que causariam discursões desrespeitosas por parte daquelas mais fundamentalistas e partidários.

A outra contribuição permanente da obra de C.S Lewis que podemos observar é a *estratégia de apologética* empregada pelo autor. Embora sendo complexa, refletindo o fato de que o livro *Cristianismo puro e simples* é fruto da transformação das palestras radiofônicas, em um inscrito que permitisse uma apresentação simples, porém bem argumentada com rigor e clareza lógicos. Com maestria estratégica, ele nos faz inferir para que depois possamos ver o sentido lógico de sua argumentação:

Cristianismo puro e simples não se propõe a apresentar argumentos dedutivos em defesa da existência de Deus. Como observou, com percepção, Austin Farrer sobre o livro *O problema do sofrimento*, Lewis nos leva a “pensar que estamos ouvindo uma discussão” quando, na verdade, “nos é apresentada uma visão; e é a visão que contém convicção”.<sup>15</sup> Essa visão tem grande apelo para o anseio humano pelo verdadeiro, o belo e o bom. A proeza de Lewis é mostrar que o que observamos e experimentamos “combina” com a ideia da existência de Deus. Sua abordagem é inferencial, não dedutiva (Mcgrath, 2013, p. 238).

E por fim, para Lewis, o cristianismo é o *grande quadro narrativo* que oferece sentido, e uma estrutura de plausibilidade para a compreensão da realidade. “Eu acredito no cristianismo como acredito que o sol surgiu, não apenas porque o vejo, mas porque por meio dele vejo todas as outras coisas” (2008, p. 134). Para uma interpretação desse fato temos:

Em seus argumentos a partir da moralidade e do desejo, Lewis apela para a capacidade do cristianismo de “combinar” com o que observamos

<sup>24</sup> “Há provas de que Lewis se interessou por essa espécie de abordagem no início da década de 1940. Em setembro de 1942, durante uma visita à cidade de Newquay, na Cornualha, Lewis comprou um exemplar sobre o estudo de W. R. Inge sobre o protestantismo. Uma frase desse livro — fortemente sublinhada no exemplar de Lewis — claramente chamou-lhe a atenção: “os andaimes de uma fé simples e genuinamente cristã”.<sup>13</sup> Essa frase resume a essência da ideia do “cristianismo puro e simples” de Lewis.” (Mcgrath, 2013, p. 237)



e experimentamos. Essa abordagem é parte do método apologético de Lewis, precisamente porque ele próprio a considerou um instrumento persuasivo e útil para dar sentido à realidade. A fé cristã oferece um mapa que descobrimos “combinar” bem com o que observamos ao nosso redor e experimentamos dentro de nós. (Mcgrath, 2013, p. 241).

Essas e muitas outras contribuições, fizeram de Cristianismo puro e simples uma obra admirada por muitos cristãos ao redor do mundo e até mesmo não cristãos.

## REFERÊNCIAS

CARVALHO, Guilherme Vilela Ribeiro (Org.). **Cosmovisão cristã e transformação**: Espiritualidade, Razão e Ordem Social. Viçosa. São Paulo: Ultimato, 2006.

GREGGERSEN, Gabriele. **A Antropologia Filosófica de C.S. Lewis**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2001.

LEWIS, C.S. **Cristianismo puro e simples**. 6 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

LIVERMORE, Kevin S. **The Theology of C.S. Lewis**. Edição do Kindle ed. Updated Edition, 2018.

MCGRATH, Alister. **A Vida de C.S. Lewis**: Do ateísmo às terras de Nárnia. São Paulo: Mundo Cristão, 2013.

\_\_\_\_\_. **Conversando com C.S.Lewis**. São Paulo: Planeta, 2014.

NASH, Ronald. **Cosmovisões em Conflito**: Escolhendo o Cristianismo em um mundo de ideias. Brasília DF: Editora Monergismo, 2012.

PETERSON, MICHAEL L. **C. S. Lewis and the Christian Worldview**. Edição do Kindle ed. New York: Oxford University Press, 2020.

SIRE, James. **Dando Nome ao Elefante**: Cosmovisão como um Conceito. Brasília DF: Editora Monergismo, 2012.



\_\_\_\_\_. **O Universo ao Lado:** Um catálogo básico sobre Cosmovisão. Brasília DF: Editora Monergismo, 2018.

STOTT, John . **Mentalidade Cristã.** 5ª ed. Cambuci: Vinde, 1997.

\_\_\_\_\_. John. **Crer é também pensar.** 2 ed. São Paulo: ABU Editora, 2012.

\_\_\_\_\_. **Os Cristãos e os desafios contemporâneos.** Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2014.

